



OS VAZANTEIROS DA ILHA DO PAU DE LÉGUA: AGRICULTURA E PESCA

Francine Kateriny Santos, Gustavo Henrique Silva Rezende, Ana Paula Glinfskoi Thé, Claudia Santos Almeida

Introdução

Os conflitos pelo território tem feito parte da história das populações tradicionais em diversas regiões brasileiras [3]. Além da disputa direta com os latifundiários, a criação de Unidades de conservação de proteção integral com o apoio de ecólogos tem esbarrado não apenas no direito pela terra, mas também no modo de vida dessas comunidades pela inviabilização de atividades culturalmente realizadas como a pesca, a caça e a extração de matéria vegetal [2].

No norte de Minas Gerais o projeto Jaíba resultou na criação de UC's de proteção integral com efeito compensatório aos impactos gerados pelo projeto, uma delas é o Parque Estadual da Mata Seca - PEMS, localizado predominantemente nos municípios de Manga e Itacarambi [1]. Sua instalação se deu pela valorização da biodiversidade presente na área sem ser considerado o fato de que a mesma é o resultado de anos de manejo feito por populações de quilombolas e vazanteiros que viveram na área e hoje disputam não apenas para que sejam mantidas suas famílias na área como também para que possam prosseguir na realização do manejo [7].

Os pescadores artesanais vazanteiros da ilha do Pau de légua, formada por cerca de 60 famílias, habitam uma área conhecida como ilha pela sua disposição territorial de maneira que se encontra arranjada fazendo limite com o Rio São Francisco e ao lado oposto às lagoas marginais incorporadas ao PEMS, frente ao parque como consequência do processo de expropriação e encurralamento para desenvolverem suas atividades de pesca e plantio nas vazantes do Rio São Francisco, os "etnohabitats" conhecidos como lameiros [2,1]

O trabalho tem por objetivo mobilizar as discussões em torno das medidas de conservação implantadas na região do norte de Minas Gerais através da descrição de técnicas de manejo realizadas pela comunidade de pescadores artesanais vazanteiros da Ilha do Pau de Légua.

Material e métodos

A pesquisa em Etnoecologia está voltada para que se entenda a visão do outro perante o funcionamento e entendimento da natureza em seus respectivos sistemas de cultura. Para isso é feita a utilização da abordagem e de técnicas de outras disciplinas, principalmente da Antropologia, para a interpretação dos dados coletados [6].

Com o intuito de atender ao objetivo dessa proposta e buscando compreender o contexto ecológico e cultural da comunidade de vazanteiros da Ilha do Pau de Légua tem sido feito o levantamento bibliográfico acerca de seu histórico social e história ambiental, além da coleta de dados pela realização de entrevistas que se deu até então em duas etapas; sendo uma inicial diagnóstica e outra a partir de um roteiro elaborado.

Os roteiros foram construídos tendo como base outras pesquisas etnoecológicas e etnobiológicas, conduzidas em comunidades tradicionais do semiárido e de pescadores artesanais [6]. A escolha dos entrevistados obedeceu à técnica de amostragem snowball sampling, também conhecida como "método bola-de-neve" ou "cadeia de informantes", um método não probabilístico que consistirá no contato inicial com um vazanteiro para ser entrevistado, indicado previamente por outro entrevistado.

Resultados e discussões

Os vazanteiros da Ilha do Pau de Légua, assim como demais representantes desse grupo étnico, apresentam relação direta a diferentes ecossistemas ecológicos pela combinação da realização de manejo em diferentes complexos ao longo do rio São Francisco, o que resulta na ampliação das possibilidades de cultivos, e da prática da pesca no rio como fonte de recursos [7].

Ao longo do ano é feito o plantio nas áreas denominadas como lameiro (área de encosta paralela ao rio São Francisco), vazante (área intermediária) e sequeira (terras altas). O sistema de plantio obedece aos ciclos do rio sendo iniciado a partir de novembro, início do período considerado como da primeira cheia, sendo feito o plantio na área sequeira. Por volta de março ocorre a segunda cheia e é quando é plantado na área de vazante e por último nos lameiros. A etapa de intervalo de cada plantio é determinada pela regressão do nível do rio e do sucesso no desenvolvimento das espécies cultivadas, já que as melhores sucedidas fornecerão sementes que poderão ser armazenadas para serem replantadas ou ser feito o replantio paralelo à colheita.

“Aí quando o rio escoar, que não vai mais a partir de março em diante, você já sabe que não vai...aí você começa plantando cá onde o rio passou, começa plantando. Aí ele vai novamente até o mês de setembro, outubro novamente...aí quando começa o mês de outubro você já começa voltando pra cima novamente. Então você tem um manejo né. E a questão daí, a semente, nós não tem aquele negócio de problema que às vezes outras comunidade tem...que é a de armazenagem de semente, troca de semente. Porque nós já trocamos ela naturalmente, nós plantamos cá embaixo e daqui nós já tiramos e plantamos lá em cima...então tá trocando, a terra de cá é uma...a de lá é outra. Ficamos assim né, remanejando...no caso nosso, não precisa guardar semente. Se for esperto não é preciso guardar, planta aqui, depois tira e planta lá.” (Entrevista com o vazanteiro C, março de 2014)

A agricultura de vazante significativamente apresenta maior produtividade que a de terra seca (sequeira) como consequência do tipo de solo, manutenção da umidade e do teor de matéria orgânica no solo [8].

São priorizadas espécies de plantas que serão utilizadas para o consumo da própria família ou quando há maior produtividade, sua comercialização para que sejam adquiridos produtos de consumo que não foram colhidos e combustível para as embarcações. Os lameiros ou lagadiços são considerados áreas marginais com boa fertilidade, compostos por solos renovados a cada período de cheia, que normalmente ocorre entre os meses de novembro a fevereiro. O plantio nessas áreas é também consorciado e se dá no período conhecido como vazante, que normalmente se dá no início de dezembro e após o mês de fevereiro, é quando ocorre a diminuição do nível do rio [5].

Essa prática de cultivo de múltiplas culturas proporciona variabilidade, continuidade e diversidade espacial que asseguram uma produção constante de alimentos bem como a cobertura dos solos favorecendo a maior retenção da umidade e depósito de matéria orgânica sobre o solo [5].

“(...) hoje a gente planta de tudo, tem de arriscar igual japonês. Japonês planta de tudo. Tem vez que a gente planta o milho dentro do feijão de arranha. A gente planta a abobora também, mistura aquele trem todinho. O que aguentar vai segurando as pontas do outro, o que não aguentar, morre.” (Entrevista com um vazanteiro D, março de 2014)

Com o uso de equipamentos produzidos pelos próprios comunitários em embarcações próprias, pertencentes às famílias é praticado por esse grupo étnico a pesca artesanal, que consiste na atividade de captura das espécies aquáticas pelo próprio indivíduo e/ou com o auxílio da mão-de-obra familiar ou não assalariada com uso de embarcação e aparelhagem de pouca autonomia [4]. O contato direto e constante desses pescadores com o ambiente natural proporciona com que detenham um corpo de conhecimento acerca do comportamento e da biologia das espécies que compõem as comunidades ecológicas presentes em seus respectivos territórios.

“(...)pescador pra mim é o seguinte, pescador é uma parte artesanato, pescador é uma parte que você vive da pescaria...voce vive da pescaria. É uma coisa que você pesca, você pesca pra você comer e pra você manter.” (Entrevista com um vazanteiro A, março de 2014)

Considerações finais

A articulação das atividades de pesca e manejo de diferentes áreas proporcionam a esse grupo tradicional que detenham um vasto conhecimento em torno do uso dos recursos e ciclos naturais. Esse conhecimento molda a cultura da comunidade e gera reflexo na configuração da ecologia da paisagem local.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio do Laboratório de educação ambiental e ecologia humana da Unimontes – LEAH, pelo apoio intelectual e a Fapemig pela concessão das bolsas de mestrado a autora e de iniciação científica a um dos co-autores.

Referências

- [1] ANAYA, Felisa; BARBOSA, Rômulo; SAMPAIO, Cristina. Sociedade e Biodiversidade na Mata Seca Mineira. Disponível: <http://www.ruc.unimontes.br/>. Acessado: 03 de fevereiro de 2014.
- [2] ARAÚJO, Elisa Cotta de. Nas Margens do São Francisco: Sociodinâmicas Ambientais, Expropriação Territorial e Afirmação Étnica do Quilombo da Lapinha e dos Vazanteiros do Pau de Léguas (dissertação de mestrado). Programa de pós graduação em desenvolvimento social pela Universidade Estadual de Montes Claros, 2009.
- [3] DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (org.) Saberes tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

- [4] DIEGUES, A.C. Pesca e marginalização no litoral paulista. 1973. 187 f. Dissertação (Mestrado) - NUPAUB; CEMAR, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1973.
- [5] NEVES, S. L.; AUGUSTO, H. dos A.; GERASEEV, L. C. Dos saberes tradicionais à agroecologia: um estudo de caso das práticas agrícolas da comunidade vazanteira da Ilha do Jenipapo, Itacarambi-MG.. Revista brasileira de agroecologia, [S.l.], v. 8, n. 2, ago. 2013. ISSN 1980-9735. Disponível em: < <http://www.aba-agroecologia.org.br>. Acessado: 12 de maio de 2014.
- [6] PIEVE, Stella Maris Nunes; KUBO, Rumi Regina; SOUZA, Gabriela Peixoto Coelho de. Dinâmica do Conhecimento Ecológico Local, Etnoecologia e Aspectos da Resiliência dos Pescadores Artesanais da Lagoa Mirim-RS. (2009).
- [7] OLIVEIRA, Cláudia Luz de. Populações Tradicionais e Territorialidade: os Vazanteiros do Rio São Francisco no Norte de Minas (defesa de dissertação). Mestrado em sociologia – UFMG, 2005. 14
- [8] GUERRA, P. B. Agricultura de vazante em modelo Agrônomo Nordestino. In: III Seminário Nacional de irrigação e drenagem, Fortaleza-CE, 19